

# A IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE DOS PAIS DE SURDOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE PESQUISAS

Marcela Gomes Barbosa (1)

Orientador (a) Prof<sup>ª</sup>. Dra. Wanilda Maria Alves Cavalcanti (2)

*Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP*

*Mestranda em Ciências da Linguagem - marcelaa.b@hotmail.com*

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem - PPGCL - Wanildamaria@yahoo.com*

## Resumo

Neste artigo chamaremos atenção sobre a importância da visibilidade dos pais no processo de aquisição da linguagem de filhos (as) surdos (as), uma vez que poderão contribuir muito para o desenvolvimento desse processo, pois de acordo com os seus depoimentos dificilmente lhes é facultada oportunidade de expressar seus anseios, dúvidas, diante da confirmação que seu filho (a) é surdo (a). Dessa maneira, o objetivo desse trabalho consiste em analisar o relato de pais sobre o momento do diagnóstico e posteriores orientações para o filho (a) surdo (a), identificando necessidades e possíveis alternativas que melhorem a qualidade de vida da família. Trabalhamos com distintos teóricos que abordam a temática. Como aporte metodológico elegeu-se a pesquisa qualitativa. Sendo assim, os dados foram coletados com os pais dos participantes do Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP. Utilizamos como instrumento de pesquisa uma entrevista semi-estruturada com a participação de cinco (05) relatos de pais. Os dados foram analisados com a inspiração em Bardin através da análise de conteúdo. Os resultados nos mostraram as dificuldades iniciais dos familiares, pois, na maioria dos depoimentos os pais não receberam orientações de como seguir a comunicação do seu filho (a) surdo (a). Mediante ao que foi exposto, o fonoaudiólogo desempenha uma importante atribuição em orientar as famílias, pois de uma maneira ou de outra, poderá estar, mais próximo dessas famílias.

Palavras chave: Pais, Surdos, Fonoaudiólogo.

## Introdução

O presente artigo é fruto da pesquisa desenvolvida para um trabalho de conclusão do curso do Fonoaudiologia, cuja temática envolve a família, os surdos e todo o seu contexto. Após ter iniciado o contato com os familiares, durante o acompanhamento realizado no Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) comecei a perceber que dificilmente eles têm oportunidade de compartilhar suas dúvidas, angústias, conflitos sobre o que representa a surdez do filho (a).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

Dessa maneira, o objetivo do nosso trabalho consistiu em analisar o relato de pais sobre o momento do diagnóstico e posteriores orientações para o filho surdo, identificando necessidades e possíveis alternativas que melhorem a qualidade de vida da família.

Trazendo a situação como se desenrola desde o momento no qual recebem a confirmação do profissional que seu filho (a) é surdo (a) geralmente, não obtêm orientações para o encaminhamento das providências que deverão ser tomadas a partir dali.

Desde sempre percebe-se que pouquíssimos profissionais se preocupam em trazer para esses pais informações necessárias para que possa tomar alguma decisão quanto aos encaminhamentos que devem tomar, ouvi-los em relação às suas dúvidas, anseios, em relação ao que devem fazer, especialmente quando falamos da comunicação do seu filho (a).

De acordo com Carvalho (2000), no momento do diagnóstico da surdez, ocorrem alterações em toda esfera familiar, marcando a própria criança. Realmente, trata-se de um momento difícil para qualquer família que, certamente, não esperou ouvir aquela afirmativa: seu filho (a) é surdo (a).

Segundo Cavalcanti (2006) os pais ao receberem a notícia de que essa criança não foi o que idealizaram diversos sentimentos começam a aflorar e dentre eles podem surgir: sentimentos de culpa, rejeição, negação, dentre outros, permeando a partir daí suas vidas. Começam a imaginar as diversas dificuldades que enfrentarão, gerando frustrações que acabam impedindo a afetividade entre pais/filhos (as).

Diante desse cenário, os pais/familiares necessitam de orientações não apenas fonoaudiológicas, mas dos profissionais envolvidos nesse contexto. Diante da constatação de que os pais, geralmente, queixam-se de não saber como proceder em relação ao filho (a), fala com ele? não fala? leva para a escola? deixa brincar? etc...

Segundo Motti (2005) comenta que, a importância de orientação adequada ao nível de compreensão dos pais, e principalmente ao contexto social, econômico e cultural no qual estão inseridos.

Percebe-se assim, a inexistência do cuidado para apoiar essas famílias orientando-as sobre a surdez e os encaminhamentos que podem ser dados, para que eles ajudem o filho (a) a se desenvolver. Portanto, o momento é prócio aos esclarecimentos aos familiares.

Sabemos que, inicialmente, a expectativa dos pais é que seu filho (a) fale, pois, a sociedade é impregnada por essa idealização. É de extrema responsabilidade dos profissionais envolvidos, acolhê-los e ouví-los, tendo em vista o

respeito às particularidades de cada pessoa, não deixando de informá-los sobre todas as possibilidades de seu filho (a) adquirir linguagem.

Por muito tempo o Fonoaudiólogo atrelou suas orientações voltadas na perspectiva oralista que de acordo com Goldfeld (2002, p. 33), “visa à integração da criança surda na comunidade de ouvintes, dando-lhes condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português).” Estabelece como a única forma de comunicação dos surdos.

Mas, a partir da década de 1990 esse cenário muda quando a perspectiva bilíngue inaugura o novo cenário, como afirma as autoras Cárnio; Couto; Lichtig (2000, p. 44) “o bilinguismo não é só a aquisição de duas línguas, sendo uma a Língua de Sinais e a outra a Língua Portuguesa oral e/ou escrita. É uma mudança filosófica de postura política, cultural, social e educacional. Não se resume apenas à aquisição de duas línguas”.

Sendo assim, Quadros (2007); Sá (2006) comentam sobre a proposta bilíngue como a melhor maneira de se educar os surdos, pois essa abordagem valoriza o modo de ser dessas pessoas, e suas metodologias estão de acordo com suas reais necessidades, potencializando o seu campo viso-espacial e sua condição bilíngue e bicultural.

Segundo Quadros (2005), as crianças surdas precisam ter a chance de desfrutar do encontro surdo/surdo. Os pais ouvintes precisam conhecer a Língua de Sinais. Muitas das vezes, o surdo sente a carência do diálogo o que afeta o relacionamento familiar, pois os pais ouvintes, que são a maioria, geralmente, não sabem a língua brasileira de Sinais (Libras).

O diálogo na família é de suma importância, para o desenvolvimento integral da criança e da interação familiar. Segundo os autores Cárnio et al.(2000) comentam que, diante da interação adulto/criança ou criança/criança vai organizando seu conhecimento.

De acordo com Motti; Pardo (2010) além da orientação inicial após o diagnóstico e no decorrer do acompanhamento dessas crianças existe a necessidade de elaborar um programa para fornecer suporte contínuo aos pais e familiares.

Segundo Colnago (2000); Sigolo (2002), resgatando que o papel da família no desenvolvimento do indivíduo com necessidade especial, será possível através de um programa que inclua orientações sobre o funcionamento familiar, estratégias efetivas de intervenção, integração de abordagens e terapêuticas baseadas em necessidades identificadas, considerando as dificuldades vivenciadas, as relações interpessoais, os problemas de desenvolvimento, as possibilidades de estimulação e formas mais adequadas para cuidar da criança, visando à melhoria do desenvolvimento pessoal, o crescimento das relações

familiares.

Mediante o que foi explicitado, o fonoaudiólogo deve dialogar com os pais acerca das possibilidades, métodos educacionais e terapêuticos mais adequados ao sujeito para aquisição da linguagem, o mais, precocemente possível. Consequentemente, expor aos pais a importância deles também aprender a língua de sinais, assim, efetivando o laço comunicacional familiar.

## **Metodologia**

Trabalhamos com a pesquisa de cunho qualitativo, que trouxe o respaldo para responder nossas indagações e a fim de orientar-nos na operacionalização desse projeto. Na perspectiva de Minayo (2001), pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

### Local de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Grupo de Estudos e Práticas de Linguagem para Surdos (GEPLIS) do Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

### Seleção dos sujeitos

Os sujeitos foram assim selecionados:

- 1) Primeiramente, facultamos o convite para os oito (08) pais participantes do Grupo de Estudos Surdos, que aceitaram participar do estudo.
- 2) Mas, a mudança do turno da escola pública, que os surdos frequentavam provocaram o afastamento de três (03). Portanto, trabalhamos com cinco (05) participantes do grupo que permaneceram.

O grupo de pais ficou assim composto:

- a) Quatro (04) mães;
- b) Um (01) pai.

## Constituição do *corpus*

O *corpus* da pesquisa foi composto de cinco (05) depoimentos de pais do Grupo de surdos (as) adolescentes da UNICAP.

## Instrumentos de pesquisa

Os dados foram colhidos através de uma entrevista semi-estruturada com dezesseis (16) perguntas.

De acordo com Vianna (2001, p. 165), “entrevista semi-estruturada, é quando as perguntas são feitas a partir de um roteiro flexível preparado pelo entrevistador, possibilitando a ampliação e enriquecimento que se fizerem necessários”.

## Procedimentos de Coleta

Na primeira etapa, conversamos com os pais sobre a importância de participação dos mesmos na pesquisa. Em seguida, entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), realizamos a leitura e conversamos sobre o seu conteúdo, na medida em que foram surgindo dúvidas, as mesmas foram sendo esclarecidas e, a seguir, o termo de consentimento foi assinado pelos sujeitos.

Na segunda etapa, aplicamos uma entrevista semi-estruturada com dezesseis (16) perguntas. As entrevistas foram gravadas em áudio com o devido consentimento dos pais.

## Procedimentos de análise dos dados

Os dados analisados receberam aporte teórico de Bardin (2011) e sua teoria de análise de conteúdo, no qual citam as seguintes fases: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial. As entrevistas foram transcritas e depois categorizadas. Ainda de acordo com Bardin (2011) o processo de categorização consiste em uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero, com critérios previamente definidos. O critério de categorização pode ser semântico (categorias temáticas, por exemplo), sintático (verbos, adjetivos) léxico (classificação das palavras segundo o seu sentido e expressivo). Inspirados nessas orientações organizamos e analisamos os dados.

## Resultados e Discussão

De posse dos relatos dos sujeitos, fizemos uma leitura flutuante recomendada por Minayo, e após novas leituras iniciamos a análise dos recortes dentre os que foram categorizados.

Realizamos a transcrição na íntegra. Desse modo, as identificações dos sujeitos selecionados foram: M1, M2, M3, M4 e M5 e a identificação do pesquisador (a): P1. Abaixo selecionamos alguns recortes.

### P1) Conversa com o profissional

**M1:** Não, ele foi nu e cru, pa pa. Ele olhou assim pra gente e fez olhe, tem uma perda severa e uma profunda, o ouvido tal é esse, o ouvido tal é esse, a frequência do ouvido tal, ele só chega até determinada frequência e no outro ele chega à determinada frequência, aí os sons agudos e graves. (...) Como eu gosto muito de Ler (...) quando ele foi explicando fui entendendo né (...).

**M2:** (...) o médico disse que tinha muita coisa pra oferecer a pessoas com deficiência, surdas (...). Na hora assim, que eu me lembro que perguntei se um dia ele ainda ia ouvir (chorou).

**M3:**(...) a fono disse mãe(falou o nome da filha) é surda(...). Eu tinha dúvida né, porque questão de escola (...).

**M4:** Na verdade ela já disse que ele não escutava (...) se ele vai usar o aparelho auditivo, porque ele vai estudar numa escola especial? Pra mim ele ia usar o aparelho e ia escutar feito agente normal, a dúvida foi essa. Não foi esclarecida.

**M5:** Já falou direto. Foi difícil (chorou) assim eu acho que poderia ter sido esclarecido, mas porque ela só disse que ele era surdo né, pronto assim. Primeiro a comunicação (sorriso nervoso) ééé, de como ia , como eu ia falar com meu filho.

De acordo com Luterman; Ross (1991); Bevilacqua; Formigoni (1997); Harrison (1994) a postura, mais adequada dos profissionais para os pais é de ouvi-los, dar suporte, acolher, aconselhar e possibilitar a troca de experiências com outros pais.

Segundo Telford; James (1998, p. 146), os primeiros apoios aos pais consistem com as seguintes metas, aconselhamento de natureza intelectual, emocional e comportamental por parte dos profissionais.

Analisando os recortes com os teóricos perceber-se a discrepância com os depoimentos dos pais. Em suma, na prática, os profissionais carecem de atitudes mais acolhedoras, desse modo, trazer esclarecimentos aos pais e também das dúvidas que forem surgindo, pois, conseqüentemente, os pais sentirão mais confiantes no desenvolvimento do seu filho (a).

## **P1) Orientações iniciais**

**M1:** ele, a orientação inicial foi Libras de jeito nenhum (...) o mundo é por conversa e ele vai ficar ali (vez sinais com as mãos). (...) procurar fonoaudiólogo.

**M2:** procurar fono.

**M3:** que eu procurasse a terapia com fonoaudiólogo.

**M4:** a prótese e procura-se uma fono tem que fazer terapia.

**M5:** foi difícil isso, as orientações iniciais, que realmente assim não teve esclarecimento nenhum.

Se não for o profissional habilitado para orientar essa família, como se dará o desenvolvimento linguístico da criança surda, dificilmente teremos desde aquele momento a tomada de posição em torno das medidas a serem adotadas.

Tanto no processo inicial como ao longo do desenvolvimento do filho, os pais ficam frágeis, necessitando de apoio, orientação de como seguir suas vidas e lidar com seu filho.

De acordo com Goldfeld (2002, p.81), a criança surda demanda ser exposta desde pequena a língua de sinais, e como não podem adquirir a língua oral em um ritmo semelhante ao das crianças ouvintes, ocorrerá atraso de linguagem. Por isso a necessidade de dialogarmos com os pais, de expor à criança a linguagem o mais breve possível.

Segundo Goés (1996), não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo vai depender de oportunidades oferecidas ao sujeito, em especial para a consolidação da linguagem.

De acordo com Goldfeld (2002, p.167), “a família deve entender que seu filho necessita a todo o momento, estar dialogando, recebendo informações e carinho para poder desenvolver-se de forma satisfatória”.

## **P1) Quais orientações receberam das formas de comunicação para seu/sua filho (a)?**

**M1:** dele não (médico), mas em relação a ela (fonoaudióloga). Porque ela foi fazendo as sessões e ela viu que ele não tinha muito progresso nas sessões, aí ela falou, vou lhe explicar uma coisa, não só tinha a linguagem de oralização não viu, ele tem outra opção a linguagem da Libras. Aí agente da Libras? .

**M2:** não. No momento ele falou assim, como ele era pequenininho tudinho, ele poderia se ele, ele poderia se ele quisesse poderia falar, por isso que ia ter a fono pra ajudar (...).

**M3:** foi, que era a forma oralizada e a Libras. (...) Na época uma fono que encontrei maravilhosa, uma pessoa que me orientou bastante.

**M4:** não.

**M5:** num falou de possibilidades assim, nem da própria terapia só deu o diagnóstico e pronto.

Podemos inferir que, o profissional responsável pela comunicação do surdo é o fonoaudiólogo. Mas, na maioria das vezes, às famílias chegam aos profissionais, que não esclarecem os métodos, recursos existentes, para possibilitar o desenvolvimento da linguagem do surdo, assim, não respeitando sua especificidade.

Dessa maneira, observamos que apenas uma (01) profissional orientou adequadamente à família sobre o caminho que poderia ser seguido com o filho (a), como afirmou M3.

De acordo com Motti (2005), é relevante que os pais conheçam as possibilidades do desenvolvimento comunicativo da criança e todas as abordagens tanto terapêuticas e educacionais, como também os direitos das crianças.

Segundo as considerações de Kluwin; Corbett (1998) além da barreira na comunicação surgem várias outras dificuldades enfrentadas pelos pais no processo educacional de seus filhos, como: a falta de informações sobre a surdez e a educação de crianças surdas, problemas de comunicação entre pais e escola, dentre outros.

## **Conclusões**

O fonoaudiólogo desempenha uma importante atribuição em orientar as famílias, pois de uma maneira ou de outra, poderá estar, mas próximo desses sujeitos. Diante desse novo cenário, pudemos visualizar um panorama das principais dificuldades dos pais desse grupo pesquisado, como: falta de informação, orientação, comunicação e dificuldade escolar. Os pais foram unânimes em mencionar, ainda está sendo difícil preparar o seu filho para a vida.

Mediante ao que foi pesquisado, podemos dizer pais orientados, estruturados emocionalmente, apoiados, tendo o conhecimento holístico da situação através de profissionais capacitados, contribuirão no desenvolvimento global do filho (a) surdo (a). Portanto, o fonoaudiólogo deve trabalhar em conjunto com a família e a escola, o que amplia sua ação tornando-se mais humanizado e eficaz no desenvolvimento linguístico/social do surdo.

Face ao que foi apresentado, percebemos a demanda de mais pesquisas no contexto à qual desenvolvemos, pois esse tema traz muitos aspectos que podem ser abordados e que não seriam possíveis em uma única pesquisa.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Editora 70, 2011.

BEVILACQUA, M.C; FORMIGONI, G.M.P. Audiologia Educacional: Uma proposta terapêutica para a criança deficiente auditiva. 1997. In: MOTTI, T. F. G. **Programa de orientação não presencial de pais de crianças deficientes auditivas**. 2005. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005. Disponível

em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2927/TeseTFGM.pdf?sequence=1.pdf>>. Acesso em: 05 setembro. 2016.

CARVALHO, J. M. O ideal de completude narcísica e o adolescente surdo: um estudo clínico. 2000. In: SILVA, A. B. de P.; ZANOLLI, M de I; PEREIRA, M.C da C. Surdez: relato de mães frente ao diagnóstico. **Estudos de Psicologia**, v.13, n.2, p.175-183, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/10.pdf>> Acesso em: 21 maio. 2016.

CÁRNIO, M.S; COUTO, M. I. V; LICHTIG, I. Linguagem e Surdez. In: LACERDA, C.B.F. de; NAKAMURA, H; LIMA, M.C. **Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngue**. São Paulo: Plexus, 2000.

CAVALCANTI, W. M. A. Criar filhos com necessidades especiais: a palavra das mães. In: AMAZONAS, M. C. L. de. A; LIMA, A. de. O; DIAS, C. M. de. S. B. **Mulher e Família: Diversos Dizeres**. 1. Ed. São Paulo: Oficina do Livro, 2006.

COLNAGO, N. A. S. Orientação para pais de crianças com síndrome de Down: elaborando e testando um programa de intervenção. 2000. In: MOTTI, T. F. G.; PARDO, M. B. L. Intervenção com pais de crianças deficientes auditivas: elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial.

Revista Brasileira de Educação Especial, v.16, n.3, p.447-462, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf)> Acesso em: 05 setembro. 2016.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 6. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GÓES, M.C.R. Linguagem, surdez e educação. 1996. In: ROSSI, T.R de F. **Brincar: um caminho bilíngue para mãe da criança surda**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11054736-Brincar-um-caminho-bilingue-para-mae-da-crianca-surda.htmlpdf>>. Acesso em: 28 agosto. 2016.

HARRISON, K. M. P. A surdez na família: uma análise de depoimentos de pais e mães. 1994. In: OLIVEIRA, M do C.C.V de. **O impacto da deficiência auditiva sobre a família**. 2011. 37f. Monografia de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Universidade de Brasília-UNB, 2011.

KLUWIN, T.N; CORBETT, C. A. Parent characteristics and educational program involvement. *American Annals of the Deaf*. 143 (5) 425-432. 1998. In: LEBEDEFF, T. Família e Surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. *Revista Educação Especial*, p.13-18, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5197pdf>> Acesso em: 27 agosto. 2016.

LUTERMAN, D. M; ROSS, T.L.F. When your child is deaf: a guide for parents. 1991. In: OLIVEIRA, M do C.C.V de. **O impacto da deficiência auditiva sobre a família**. 2011. 37f. Monografia de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Universidade de Brasília-UNB, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTTI, T. F. G. **Programa de orientação não presencial de pais de crianças deficientes auditivas**. 2005. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2927/TeseTFGM.pdf?sequence=1.pdf>>. Acesso em: 05 setembro. 2016.

MOTTI, T. F. G.; PARDO, M.B.L. Intervenção com pais de crianças deficientes auditivas: elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 16, n. 3, p. 447 - 462, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf)> Acesso em: 05 setembro. 2016.

QUADROS, R, M de; MASSUTTI, M; CODAS B. Libras e Português em zonas de contato. 2007. In: QUADROS, R.M., PERLIN, G. (Orgs). *Estudos Surdos II*. In: SILVA, L.S da; BASTO, T. **Pais ouvintes e filhos surdos: impasse na comunicação**. Disponível em: <[www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/210?pdf](http://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/210?pdf)> Acesso em: 27 agosto. 2016.

SÁ, N.R.I. A educação dos surdos: a caminho do bilinguismo. 1997. In: SILVA, L.S da; BASTO, T. **Pais ouvintes e filhos surdos: impasse na comunicação**. Disponível em: <[www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/210?pdf](http://www2.ufrb.edu.br/revistaentrelacando/component/phocadownload/category/210?pdf)> Acesso em: 27 agosto. 2016.

SIGOLO, S. R. R. L. Educação de crianças com atraso de desenvolvimento na perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner. 2002. In: MOTTI, T. F. G.; PARDO, M. B. L. Intervenção com pais de crianças deficientes auditivas: elaboração e avaliação de um programa de orientação não presencial. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.16, n.3, p.447-462, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382010000300009pdf)> Acesso em: 05 setembro. 2016.

TELFORD, C. W; JAMES, M. S. **O individuo excepcional**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1998.



VIANNA, I. O. de A. **Metodologia do trabalho científico: um enfoque didático da produção científica.**São Paulo: E. P. U, 2001.